



<https://doi.org/10.17398/2531-0968.17.166>

A Educação não é NADA... e a Educação é TUDO

La educación no es nada... y lo es todo

Alfredo Gomes Dias  0000-0001-6500-844X

Escola Superior de Educação de Lisboa. Campus de Benfica do IPL 1549-003 LISBOA.

adidas@eselx.ipl.pt

Terminei a minha licenciatura em História, em julho de 1981, e no mês de outubro embarquei para S. Tomé e Príncipe, um jovem país recém-nascido no período da descolonização, em 12 de julho de 1975.

Foi num país com apenas seis anos de idade que aprendi a ser professor. Foi neste pequeno país africano que dei os primeiros passos na arte de ensinar e de aprender a ensinar.

Para além de diferentes motivações pessoais, levei na bagagem um secreto desejo: depois de séculos de colonização e treze anos de guerra colonial, tinha chegado a minha vez de ajudar a nascer um novo país africano que falava Português, como eu.

Em África, em S. Tomé e Príncipe, há cerca 44 anos, coloquei a mim próprio, por diversas vezes, as grandes perguntas que ainda hoje transporto comigo: o que é a Educação? para que serve a Educação, a Escola, o Professor?

Passaram quatro décadas e meia e, depois de já ter encontrado múltiplas respostas a estas perguntas, que foram mudando com a bagagem de teorias e práticas de ensino diversas, é este o tempo de tentar responder, pela última vez, a estas questões, passando para vós esta herança que é, simultaneamente, um pesado fardo e um apaixonante desafio.

Um pesado fardo porque as respostas geraram sempre novas inquietações, por vezes frustrações resultantes de um intenso trabalho, ao assumir que tinha em mãos a responsabilidade gigantesca de mudar o Mundo em que vivia.

Um desafio apaixonante porque a busca de resposta àquelas questões foi uma longa caminhada que partilhei com os meus alunos, ano após ano, tivessem eles 10 ou 11 anos... 18, 20 ou 23 anos, 30, 35 ou 40 anos...

Hoje, a primeira resposta que me ocorre às questões que coloquei, talvez não corresponda às vossas expectativas. De facto, olhando à minha volta, tenho de concluir que **a Educação não é NADA!**

Depois de 44 anos de trabalho docente sou obrigado a reconhecer que integro uma geração de professores que, de um modo ou de outro, é corresponsável pelo Mundo em que vivemos.

A todos os que acreditam que a Educação pode mudar o Mundo, o Mundo prova-nos que não muda com a Educação. Depois de tantos estudos, reflexões, simpósios e congressos, estamos confrontados com uma realidade que nos coloca perante um sem número de ameaças:

- a guerra na Europa, como a que vivemos na Ucrânia;
- o genocídio na Palestina praticado pelos herdeiros das vítimas de outros genocídios que ocorreram no passado;
- o enfraquecimento dos regimes democráticos que se deixam implodir;
- as nuvens que pairam sobre a Europa e outras regiões do Mundo que anunciam novas formas de totalitarismo;
- a debilidade, cada vez mais acentuada, da consciência de uma cidadania democrática.

Tudo isto protagonizado por candidatos a novos/velhos Senhores do Mundo, mas mobilizando seres humanos “comuns” e “normais”, que as novas circunstâncias poderão levar a colocar, tal como aconteceu no passado, o dever de obediência acima dos princípios morais.

Lembremos a Alemanha hitleriana e as palavras da filósofa Hannah Arendt, escritas com uma dramática ironia, a propósito do julgamento de Eichmann em Jerusalém, um dos principais responsáveis pelo extermínio de milhões de judeus:

“Muitos alemães e muitos nazis, provavelmente a esmagadora maioria, ter-se-ão possivelmente sentido tentados a **não** matar, a **não** roubar, a **não** deixar que os seus vizinhos fossem levados para a morte (...), a **não** se tornarem cúmplices destes crimes, beneficiando deles. Mas Deus sabe que tinham aprendido a resistir à tentação.”

Hoje, num contexto histórico muito diferente, marcado pela desinformação e pelas notícias falsas, regressamos à incapacidade de pensar e à incapacidade de distinguir o bem do mal. Vivemos num Mundo que assiste à arte do espetáculo e à generalização da mentira. Retomando mais uma vez os conceitos de Hannah Arendt, aproximamo-nos perigosamente do que esta filósofa definiu como a “banalização do mal”.

Este é o Mundo que vos deixo... um Mundo onde continua a ecoar um grito com mais de 2500 anos:

“Grito contra essa violência e ninguém responde, levanto a voz e não há quem me faça justiça” (Job 19:7).

Se este é o Mundo que vos deixo, não posso, em consciência, deixar de sentir que falhei como professor, que defendeu uma perspetiva crítica do ensino da História, das Ciências Sociais e da Educação em geral; um professor e uma geração de professores que estão a falhar na sua básica função de contribuir para a formação de uma cidadania crítica e democrática, entre os seus alunos e estudantes.

A todos os que acreditam que a Educação pode mudar o Mundo, lastimo não ter, nesta primeira resposta, uma boa notícia para vos dar! O Mundo tem outras dinâmicas, outras forças, que a Educação está longe de poder contrariar... ou, como dizem alguns, talvez a Educação formal, na qual vocês se vão integrar profissionalmente num futuro que é já amanhã, não deixe nunca de reproduzir o modelo social para o qual foi criada.

De facto, não podemos deixar de reconhecer que a escola se insere numa determinada formação económica e social dominante e, tal como nos alertou Perrenoud há mais de 20 anos, quando defendemos uma visão democrática da Educação, não devemos ser “ingénuos a ponto de imaginar que as classes médias” defendam valores que sejam, “em última instância, contra os seus interesses”.

Dito de outro modo, e recuperando agora as palavras de Paulo Freire, sempre

“que a conjuntura o exige, a educação dominante é progressista à sua maneira, progressista ‘pela metade’.”

Mas uma segunda resposta às questões iniciais desta nossa conversa não pode ser ignorada... **A Educação não é NADA... e a Educação é TUDO.**

Mas a Educação é tudo desde que, enquanto professores, consigamos reunir algumas condições.

Reconhecendo que não pode mudar o Mundo, o professor tem um mundo em cada aluno que pode ajudar a construir. Esta é uma tarefa gigantesca que vale a pena abraçar e que, quando nos é devolvida, nos dá o alento necessário para continuar.

Em 44 anos de docência tive o privilégio de receber algumas destas “boas notícias”, ao saber que alguns alunos estavam a usufruir de um futuro que, quando os conheci, parecia estar-lhes vedado.

E esta é a primeira condição!

O professor é, antes de tudo, o professor que deseja ser. Isto implica a capacidade de continuamente refletir sobre si, mas a reflexão sobre si... só faz sentido se for feita na relação com os outros. E os outros de um professor, são, em primeiro lugar, os alunos que, ano após ano, o ajudam a construir-se na sua profissão.

É dos alunos que emergem as principais dúvidas e inquietações que acompanham a vida de um professor. Mas, se é entre os alunos que surgem os problemas... é entre os alunos que encontramos, em primeira mão, as melhores soluções.

Este é um caminho difícil de trilhar, que vai sendo mais fácil à medida que somos capazes de melhorar a nossa capacidade de descobrir o que cada aluno tem para nos oferecer. Aprendendo com Ortega y Gasset,

“todo o viver é ocupar-se com o outro que não é o próprio, todo o viver é conviver com uma circunstância”.

E esta é a segunda condição!

Mas importa inverter o sentido que, de uma forma mais comum, é dado a esta relação aluno-professor: ao contrário do que muitos pensam e afirmam... não são os alunos que têm de estar disponíveis para o professor... são os professores que têm de estar disponíveis para os alunos.

Em diferentes momentos fui confirmando a necessidade que os alunos têm de ser escutados (e não apenas ouvidos) e de participarem (e não apenas tolerados), reconhecendo que a sua opinião conta nas decisões que são assumidas em conjunto, de forma partilhada.

Isto implica que o professor recuse vestir o fato de um “funcionário público”, um burocrata entre as 9 e as 17 horas do dia. Isto implica ser professor na sala de aula e na escola... e continuar a ser professor para além do espaço formal onde se ensina e aprende.

Isto é pedir o impossível? Talvez! Mas o “possível” é aquilo que está ao alcance de todos, incluindo os mais medíocres... Mas o impossível, o sonho e a utopia, só está ao alcance de alguns. Cada professor tem esta escolha a fazer: querer o possível... ou querer o que está além do horizonte mais imediato, isto é, o futuro.

Recorrendo, mais uma vez à ajuda de Ortega y Gasset, “se a nossa vida consiste em decidir o que vamos ser”, então “a vida é uma atividade que se executa para diante”, isto é, para o futuro.

E esta é a terceira condição!

Tudo isto só é possível se o “ser professor” for acompanhado com a humildade que a relação com o saber exige. Nós nunca sabemos o suficiente, nem sobre os conteúdos que lecionamos, nem sobre as melhores estratégias de ensino a adotar, nem sobre o modo como os alunos aprendem, nem, tão pouco, sobre o caminho a trilhar com os alunos, de modo a construir, em cada um, uma melhor pessoa.

Por isso, um professor é alguém que acumula dúvidas e perguntas, as quais vão aumentando à medida que ele vai encontrando novas respostas (lastimo dar mais esta má notícia!). Mal está aquele professor que, instalado na sua escola e com os seus alunos, confiante na sua experiência e no seu saber, cai na ilusão que já não tem mais nada a aprender... que se encontra rodeado de certezas.

Recuando novamente 2500 anos, no seu julgamento, quando o filósofo Sócrates já sabia que havia sido condenado à morte – acusado de ofender os deuses e corromper a juventude – re-firmou aquela que foi, talvez, a principal lição que nos legou:

“... o temor da morte é apenas isto, julgar ser sábio sem o ser, pensar-se que se sabe o que não se sabe.”

E esta é a quarta condição!

Se cumpridas estas quatro condições, o professor está a um passo de ser protagonista de grandes mudanças, mas sem nunca deixar de reconhecer os limites da sua ação.

São estas quatro condições que permitem construir uma relação com os alunos, abrindo espaço para formar crianças e jovens que se reconheçam no outro, sem o qual nada são.

Se estiver disponível para dar tudo, fica em condições de alcançar algumas pequenas conquistas. Parece pouco... hoje, eu sinto que é muito!

Ao longo dos últimos 44 anos fui aprendendo, na minha atividade diária de professor, a aproximar-me destas quatro condições. Longe da perfeição, tenho agora o sentimento de ter feito tudo, quando fiz tão pouco.

Desejo a cada estudante que aqui está que, quando estiver a comemorar 44 anos da sua vida profissional, possa sentir o mesmo que eu sinto hoje. Acreditem que é uma boa sensação.

É para mim importante partilhar estas ideias com todos vós.

Agradeço à companheira Carmen Rosa García a sua presença nesta sala, neste dia tão significativo para mim. A ela dirijo um especial abraço que se estende a todos os companheiros e companheiras que, nas diferentes Universidades de Espanha, tanto me têm ensinado. Uma palavra especial de homenagem ao professor Joan Pagès, o meu último grande mestre, que infelizmente já não está entre nós.

É também muito importante a presença da professora Maria João Horta com quem, nos últimos 25 anos, partilhei muitas horas de trabalho, quer dentro da sala de aula em diferentes unidades curriculares, quer nas centenas de páginas que escrevemos em comum. Foi uma contínua partilha de conhecimentos e de aprendizagens.

Finalmente, como não poderia deixar de ser, a última palavra vai para os estudantes que tenho o privilégio de ter hoje diante de mim e que tiveram a paciência de ouvir esta minha “última lição”. Deixo-vos este testemunho, vendo em cada um dos vossos rostos as muitas centenas de alunos que conheci nas salas de aula ao longo da minha vida de professor. Agradeço tudo aquilo que me ensinaram, pois foi convosco, entre 1981 e 2025, que se foi construindo o professor que hoje sou.

Muito obrigado.

Escola Superior de Educação de Lisboa
3 de junho de 2025
Alfredo Gomes Dias